

APRESENTAÇÃO

Como se pode pensar que, na autobiografia, a vida vivida produz o texto, quando é o texto que produz a vida! [...] Dizer a verdade sobre si, se constituir em sujeito pleno, trata-se de um imaginário. Mas, por mais que a autobiografia seja impossível, isso não a impede de existir.
(Philippe Lejeune¹, 2008, p. 66)

Cada escritor de hoje deve encontrar, ou antes, inventar sua própria escrita dessa nova percepção de si que é a nossa. De todo modo, reinventamos nossa vida quando a lembramos. Os clássicos o faziam à sua maneira, em seu estilo. Os tempos mudaram. Não se escreve mais romances da mesma forma que nos séculos XVIII ou XIX. Há entretanto, uma continuidade nessa descontinuidade, pois autobiografia ou autoficção, a narrativa de si é sempre modelagem, roteirização romanesca da própria vida.
(Serge Doubrovsky², 2014, p. 123-124)

Este número 22 da **Revista Abril, Projeções do eu e a escrita de si**, reúne nove ensaios acerca da presença de um “eu” que se escreve, em diferentes obras produzidas em Portugal e nos países africanos de língua portuguesa. Procuramos, nesta edição, problematizar as tênues fronteiras entre o “real” e o ficcional presentes, em múltiplas roupagens, nos gêneros ditos confessionais.

O breve século XX, para lembrar Hobsbawn, foi marcado por diversos estudos sobre a memória, perpassados pela interdisciplinaridade, com contributos da História à Psicologia. Assim, a memória se tornou uma tema recorrente em diversas pesquisas pois, como apontou Andreas Huysen “Um dos fenômenos culturais e políticos mais surpreendentes dos anos recentes é emergência da memória como uma das preocupações culturais e políticas centrais das sociedades ocidentais” (2000³, p. 9) e a literatura se mostrou um campo significativo para os estudos da memória, seja pela intensa produção de textos de cunho memorialístico (de gêneros variados), seja pelas pesquisas desenvolvidas pelos estudos literários.

Tais estudos ganharam relevância especialmente quando a abordagem encontrou o contraponto entre uma perspectiva estruturalista que, em seu auge, pregava o não interesse pela biografia do autor, visto como um elemento fora do texto, ou como apresentou Barthes, a escrita destruiria a voz, seria o momento de perda da identidade, e os estudos autobiográficos, que demarcavam a referencialidade, a identificação entre autor-narrador-personagem, especialmente a partir da ideia de pacto de Philippe Lejeune. Adensando os debates, o conceito de “autoficção”, criado por Serge Doubrovsky, traria a ideia de um texto ficcional construído a partir de acontecimentos “estritamente reais”.

Autobiografia, autoficção, escrita memorialística, diário, ficção biográfica... no terreno das narrativas, os gêneros chamados de confessionais ainda dividem a crítica, particularmente pelo difícil limite entre um “eu real” e a sua projeção no texto literário. Na poesia, a situação não é diferente, despersonalização, fragmentação, os limites entre o poeta e a imagem de si no corpo do poema encontram em Eliot, como apontado no texto de Maria Silva Prado Lessa, na ideia de uma voz que “expressa diretamente os pensamentos e sentimentos do próprio poeta” (ELIOT⁴, 1998, p. 110), ou em Benoit, “a voz que fala na poesia está livre de toda a identidade subjetiva individual justamente porque a subjetividade individual está em crise e porque ela pode abrir espaço ao puro jogo de linguagem, do significante” (BENOIT⁵, 2016, p. 29), exemplos da relevância de trabalhos que se concentrem nas mais variadas ideias sobre a escrita de si.

Abrindo o volume, “*Lusitânia* de Almeida Faria: um romance epistolar que cruza ficção historiográfica e testemunho autobiográfico”, de Agnès Levecót, recupera a obra de Almeida Faria, em **Lusitânia**, terceiro volume da **Tetralogia Lusitana**, a fim de examinar a escrita de vários “eus” ficcionalizados por um “eu” que também se projeta na narrativa. Ao analisar o romance epistolar, em que se cruzam cartas de vários membros de uma mesma família, ambientadas na dura atmosfera de incertezas após o 25 de abril, o artigo em questão discute não só conceitos como ficção autobiográfica como também autoficção historiográfica, elevando a biografia de uma família à biografia nacional.

Seguindo a trilha deixada por Levecót, o segundo artigo deste volume, “Escrita e testemunho em **O livro dos guerrilheiros**, de Luandino Vieira”, de Terezinha Taborda Moreira, se detém nas estratégias narrativas utilizadas pelo escritor angolano, aproximando a escrita ficcional do testemunho. As vozes da guerrilha angolana evocam um passado traumático e fazem refletir acerca dos processos de silenciamento e de permanência na contemporaneidade do país.

A investigação de estratégias e construções narrativas também tem lugar no artigo apresentado por Maria Lúcia Wiltshire de Oliveira, “Morrer, pensar, escrever: pactos do eu autoral”. Neste, diferentes contra-

tos de uma escrita de si, presentes nas obras poéticas de Helberto Helder, Gonçalo M. Tavares e Maurice Blanchot são analisados à luz de uma encenação inconcreta da morte. A poesia de Helberto Helder é novamente considerada em “A morte e o “eu”: poesia e outras artes no último Helberto Helder”, de Fernando Velasco. Para Velasco, os diferentes regimes de morte podem ser articulados a diferentes concepções do “eu” e pactos de leitura estabelecidos.

A relação com o tempo e a imagem projetada de si são temas investigados por Daniel Laks, em “A produção narrativa da identidade em **Caderno de Memórias Coloniais**, de Isabela Figueiredo”. A narrativa de cunho memorialístico enseja a discussão acerca dos diferentes graus de identificação familiar, grupal ou nacional inseridos na configuração de uma identidade nacional pós-colonial.

Seguindo os rastros deixados pelas memórias, próprias e alheias, “Luandino, João Vêncio e suas memórias emprestadas”, de Renato dos Santos Pinto, dialoga os discursos ficcionais, confessionais e históricos em uma leitura crítica da expressão militante do escritor angolano. Já Sarah Diva Ipiranga e Bárbara Silva Teles de Menezes analisam a experiência memorialística de Miguel Torga, em “Cais de angústia e saudade: o Brasil na escrita autobiográfica de Miguel Torga”, sua recuperação de um “eu” do passado com o “eu” do presente e presente na escrita.

Fechando nossa investigação acerca das diversas formas de projeção do eu na literatura, a potência criadora da poesia, já explorada em Helder e Tavares, é observada, nos dois artigos finais deste volume, através da análise da escrita de Mário Cesariny e Fernando Pessoa. Maria Silva Prado Lessa, em “Dizer-se, autografar-se: evocando Mário Cesariny”, percorre, em três poemas do poeta português, as dinâmicas de autodescrição e autoendereço da voz poética. Por sua vez, Karen Pellegrini e Anita Costa Malufe abordam, em “O malogro do sujeito na poética de Fernando Pessoa”, a multiplicidade do eu que se projeta na poesia pessoana, como uma antecipação de discursos antitotalizantes contemporâneos.

Boa leitura!

Renata Flavia da Silva (UFF)
Roberta Guimarães Franco Faria de Assis (UFLA)
(Organizadoras)

NOTAS

1 LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. (Jovita Maria Gerheim Noronha, Org.). Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

2 DOUBROVSKY, S. *apud* NORONHA, J. M. G. (org.). **Ensaio sobre a autoficção**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.